

Agressão à mulher é recorde no Acre

*Com 4 denúncias diárias,
Delegacia da Mulher do
bairro de Cadeia Velha é a
mais movimentada do País*

EDSON LUIZ

BRASÍLIA — Os moradores do bairro de Cadeia Velha, um dos mais antigos de Rio Branco, capital do Acre, já se acostumaram com o intenso movimento num prédio antigo da Secretaria de Segurança Pública. É lá que funciona a Delegacia da Mulher, que proporcionalmente é uma das mais procuradas do Brasil. Dos 1.672 casos registrados no ano passado pelo Juizado Especial Cível e Criminal do Estado, 69% eram da Delegacia

da Mulher.

Foram 1.157 ocorrências, um recorde que ultrapassou até os registros das outras oito delegacias da cidade, polícias Federal e Rodoviária e Delegacia do Menor e do Adolescente em 1996. Diariamente pelos menos quatro mulheres agredidas recorrem à polícia.

Os números da Delegacia da Mulher de Rio Branco são proporcionalmente superiores aos de uma capital como o Rio de Janeiro. No ano passado, 6.264 mulheres fluminenses procuraram uma das cinco delegacias do município, uma média de três por dia.

Perfil — As vítimas são mulheres pobres, originárias de bairros distantes, sem atendimento de serviços

públicos. Os números foram divulgados esta semana pela juíza Maria Cezarinete Angelim, que coordena o Juizado Especial Cível e Criminal do Acre. A polícia do Acre admite que os dados podem até estar subestimados, já que muitas mulheres ainda deixam de registrar as agressões com medo de represálias.

O Conselho Nacional de Defesa da Mulher não dispõe de dados que dimensionem o grau de violência. Mas de acordo com os levantamentos de conselhos estaduais e organizações não-governamentais (ONGs), os ín-

dices continuam crescentes. A procura por delegacias teria aumentado em relação aos anos anteriores.

O Disque-Violência, criado em Brasília pelo Conselho Estadual, recebeu 337 denúncias nos primeiros seis meses. A maior parte das agredidas é de solteiras e autônomas.

Considerada uma das maiores especialistas em defesa da mulher, a delegada Martha Rocha, coordenadora das Delegacias de Apoio às Mulheres do Rio de Janeiro, confirma que no Brasil a classe pobre é a mais atingida. "Os casos ocorrem

geralmente nos finais de semana, início e final de mês", afirma a delegada, explicando que as agressões acontecem pelos motivos mais prosaicos. "É desde a camisa mal passada, o feijão que queimou até o relacionamento sexual não correspondido."

Normalmente as mulheres agredidas recorrem a terceiros para procurar uma delegacia. "Deus salve a vizinha", diz Martha Rocha, assegurando que são as pessoas mais próximas da vítima as responsáveis pelo encaminhamento delas às delegacias. Muitas mulheres, no entanto, segundo a delegada, preferem recorrer a outros caminhos antes de chegar à Justiça. "Elas procuram a família, os amigos ou até ajuda religiosa antes da delegacia."

POLÍCIA

REGISTROU

1.157 CASOS

EM 1996